



Meia da Seleção, Lucas Paquetá diz que terminar fase de grupos na primeira colocação é prioridade para evitar viagem ao México e check-outs no hotel em Basking Ridge e no CT em Morristown

# Liderança favorece logística

Mauro Pimentel/AFP



Em coletiva, Lucas Paquetá também falou sobre aprendizados nos últimos anos; parceria com Neymar; e a evolução da equipe no Mundial

VICTOR PARRINI  
Enviado Especial

**N**ova Jersey — Ninguém na Seleção Brasileira parece disposto a trocar de endereço. Entre o conforto e a privacidade do hotel em Basking Ridge, a estrutura de ponta do Centro de Treinamento do New York Red Bulls, em Morristown, e a rotina construída ao longo da Copa do Mundo, a delegação encontrou o cenário ideal para trabalhar com a blindagem necessária. Lucas Paquetá deixou isso evidente ontem em entrevista coletiva. Para o Brasil, terminar a fase de grupos na liderança da chave C é inegociável.

A liderança garante a permanência em território americano até o fim do torneio. O primeiro lugar do Grupo C leva a Seleção a Houston, ao MetLife Stadium, a Miami

e a Atlanta antes de uma eventual final em Nova Jersey. A segunda colocação exige um desvio para Monterrey, no México, além de escalas posteriores em Houston, Boston e Dallas. A Confederação Brasileira de Futebol tem planos B e C traçados, que mudariam o QG do Brasil.

"Nosso objetivo é passar em primeiro. Estamos trabalhando para isso. É uma logística que favorece, na viagem, tempo de descanso, de recuperação", compartilha Paquetá.

A preocupação da Seleção não se resume a aeroportos, hotéis ou centros de treinamento. Terminar em primeiro também permite evitar um confronto precoce contra o líder do Grupo F, atualmente ocupado pela Holanda. Em 2010, na África do Sul, a Laranja foi algoz da Amarelinha nas quartas de final.

No cenário projetado hoje, o Brasil enfrentaria o Japão na fase

de 16 avos de final. A segunda colocação colocaria a equipe no caminho dos neerlandeses logo na abertura do mata-mata.

A boa notícia para a Seleção é que a situação está sob controle. Brasil e Marrocos somam quatro pontos, mas a equipe de Carlo Ancelotti leva vantagem no saldo de gols: 3 x 1. Ou seja, depende apenas de si para terminar na primeira colocação. Uma vitória sobre a Escócia garante a liderança, contando que os marroquinos não revertam o critério de desempate.

A Escócia, porém, não chega a Miami na condição de figurante. Em seis partidas disputadas neste ano, venceu três e perdeu as outras três, sempre por margem mínima. Os números reforçam o alerta emitido por Lucas Paquetá. "Todas as equipes da Copa são seleções que você precisa respeitar, estudar e

se preparar para enfrentar. Temos muito respeito, mas sabendo que precisamos colocar em prática o nosso jogo e alcançar os nossos objetivos", comentou o meia. Os europeus têm três pontos somados e seguem com chance de classificação.

Em meio aos cálculos sobre cruzamentos, viagens e classificação, Paquetá também destacou a importância do ambiente criado pela Seleção. Amigo de Vinicius Júnior desde as categorias de base do Flamengo, o meia vê na convivência diária um dos pontos fortes do grupo brasileiro.

"A gente tem uma amizade bonita, de muito tempo. Vi o Vini muito novinho, criamos esse laço desde o Flamengo. Tenho um respeito enorme por ele. Estar com ele aqui e vivendo mais uma Copa do Mundo é especial demais para nós", destacou.

## Outros tópicos com Paquetá

### Análise do jogo contra o Haiti

Acho que fizemos um bom jogo dentro da nossa expectativa de melhorar qualidade técnica, jogo com bola, construímos uma vitória boa, jogo que traz confiança para a gente seguir crescendo na competição.

### Candidata-se à ponta direita?

Sempre me coloco à disposição para ajudar, fazer meu melhor. É uma pergunta que não preciso responder porque é uma dúvida para o professor, mas acho que, independentemente de nomes, está todo mundo preparado para entrar e fazer seu melhor.

### Como é jogar sem e com Neymar?

Estamos todos felizes com a volta dele, é um cara importante para nossa Seleção, que tem uma história linda aqui. Estamos felizes por ele, pela volta dele. Esperamos que ele possa estar em campo o quanto antes nos ajudando.

### Lesão de Raphinha e mudanças

Todos ficamos tristes, o Raphinha, principalmente, por esse pequeno empecilho que é a lesão. Mas ele tem o conforto e o abraço de todos nós, isso que faz uma equipe. A gente se coloca à disposição para ajudar no que for preciso na recuperação. Ele trabalha muito, e tenho certeza de que vai fazer o possível e o impossível para voltar o quanto antes.

### O futebol da Seleção está melhor?

Acho que sim, o Vini vem em uma crescente muito boa na Seleção. Não que ele não viesse fazendo grandes jogos, mas agora

com mais destaque, mais decisivo. Acho que isso cabe muito à maneira de jogar, coisas particulares dele de se sentir à vontade. Agora, ele tem um treinador, todos temos, um cara que ele conhece, sente confiança. Feliz de viver esse momento junto com ele. Você vai jogando junto, se entrosando mais, se entendendo.

### Comparações com outras seleções

A gente tem a cabeça tranquila do que a gente veio fazer. Quebramos as expectativas do primeiro jogo, sim. A gente melhorou, teve mais calma, e acho que a gente tem que focar no que podemos fazer. Trabalhamos no objetivo de vencer mais uma Copa, a gente está crescendo na competição.

### Imaginavam uma Copa tão equilibrada assim?

A cada Copa, o futebol está mais equilibrado e mais difícil. Existem seleções mais favoritas em certos confrontos, mas no campo é 11 contra 11, tem que procurar fazer seu melhor. A equipe que erra menos tem vencido, e Copa é sempre Copa, são jogos difíceis.

### Aprendizado dos últimos quatro anos

Apreendi muita coisa, particularmente por tudo que eu vivi; aprendi a dar mais valor às coisas, às coisas que conquistou. Hoje estar na Seleção enxergo uma gratidão ainda maior, por ter oportunidade novamente de estar aqui, dar valor ao que a gente tem, ao que a gente conquistou, com nosso trabalho, nosso suor, e seguir trabalhando para conquistar mais coisas.

# Aos 46 anos, Ronaldinho volta ao futebol italiano

Aos 46 anos, Ronaldinho Gaúcho voltará ao futebol para jogar pelo Ravenna, da terceira divisão italiana, informou uma fonte próxima ao craque, confirmando informações do jornal *La Gazzetta dello Sport*.

O principal jornal esportivo da Itália publicou que Ronaldinho, que está atualmente nos Estados Unidos para acompanhar a Copa do Mundo de 2026, será apresentado oficialmente como jogador do Ravenna, amanhã, durante um evento em Miami.

Em declarações ao *La Gazzetta*, o vencedor da Bola de Ouro de 2005 afirmou estar "ansioso para voltar a

dançar com a bola e escrever um novo capítulo na história com Ignazio Cipriani (proprietário italo-americano do Ravenna) e toda sua família". "O futebol sempre foi uma fonte de alegria para mim e quero trazer esse mesmo espírito para o Ravenna", acrescentou R10.

Campeão do mundo pela Seleção em 2002, Ronaldinho disputou o último jogo oficial em setembro de 2015, com a camisa do Fluminense. Questionado pela imprensa italiana, o vice-presidente do Ravenna, Ariedo Braida, frustrou as esperanças daqueles que esperavam ver Ronaldinho jogar toda

a temporada da Serie C e sugeriu que a contratação foi uma jogada de marketing.

"Ele é um jogador mágico e terá o contrato. É uma grande conquista para nós. Vai jogar aos 46 anos? Depende, mas digamos que ele terá contrato", disse o dirigente. "Ele vai jogar? Isso ainda vamos ver, não podemos descartar a possibilidade. Um campeão como ele está em uma categoria superior e não tem idade", acrescentou Braida.

O Ravenna tem como principal objetivo na próxima temporada retornar à Serie B italiana, que não disputa desde 2008.

Darrian Traynor/AFP



Ronaldinho Gaúcho, que está nos Estados Unidos, será apresentado, amanhã, como jogador do Ravenna



**DRIBL DE CORPO NA COPA**

Técnico Hajime Moriyasu fez a equipe nipônica deixar de ser vista como um teste para se tornar competitiva

# A temida seleção do Japão

O Japão evoluiu. Em termos táticos, físicos e competitivos. A seleção nipônica na Copa do Mundo de 2026 reúne um grupo moldado em alto nível na Europa, adota um sistema sofisticado com três zagueiros e enfrenta campeões mundiais sem qualquer vestígio de reverência. Possível adversário do Brasil nos 16 avos de final, o conjunto dirigido por Hajime Moriyasu tornou-se um dos exemplos mais consistentes de como continuidade e

planejamento podem reposicionar uma nação no futebol de elite.

O empate por 2 x 2 diante da Holanda na estreia, a vitória por 4 x 0 sobre a Tunísia reforçaram uma tendência consolidada. Alemanha, Espanha, Inglaterra e Brasil foram superados em diferentes momentos do ciclo recente. O padrão se repete. Não soa como exceção.

Aos 57 anos, Moriyasu personifica a evolução estrutural do futebol japonês. Ex-volante da seleção

nacional, integrou a geração que viveu o nascimento da J-League em 1993 e acompanhou de dentro a profissionalização acelerada do esporte no país. Antes de chegar ao comando principal em 2018, percorreu todas as etapas da engrenagem federativa, das categorias de base ao trabalho com a equipe olímpica.

Em outubro de 1993, ainda como jogador, Moriyasu esteve em campo em um dos episódios mais marcantes da história do futebol japonês.

Na última rodada das Eliminatórias Asiáticas para a Copa do Mundo de 1994, o Japão venciu o Iraque por 2 x 1 até os acréscimos, resultado que garantiria a classificação inédita ao Mundial dos Estados Unidos.

Aos 46 minutos do segundo tempo, o iraquiano Jaffar Omran marcou o gol de empate em Doha, no Catar. O apito final selou a eliminação e eternizou o episódio como a "Agonia de Doha". O trauma atravessou gerações.

Três décadas depois, o antigo volante lidera uma equipe liberada desse tipo de peso ao enfrentar potências do futebol mundial.

A estabilidade de sete anos e 10 meses, a terceira entre os 48 técnicos da Copa, atrás apenas de Didier Deschamps e de Zlatko Dalić, permitiu a Moriyasu construir um modelo de jogo raro entre seleções nacionais. O Japão atua, em geral, com linha de três zagueiros, variando entre 3-4-2-1 e 3-4-3. A ideia não é defensiva. Funciona como mecanismo de expansão ofensiva, liberando alas, qualificando a saída de bola e criando superioridade numérica nos corredores.

Com posse, o desenho se transforma em um 3-2-5, aproximando a equipe das tendências mais avançadas do futebol de clubes

europeu. Sem a bola, a resposta é imediata: pressão coordenada, compactação vertical e recuperação em zonas altas.

O funcionamento coletivo é sustentado por uma geração moldada fora do país, em centros de alto nível do futebol europeu. A Bundesliga, em especial, tornou-se uma das principais portas de entrada e desenvolvimento de jogadores japoneses na elite, acelerando adaptação a intensidade, contato físico e transições rápidas.

O Japão já não entra em jogos contra seleções da elite mundial com postura de teste. Entra com plano de jogo, organização e convicção.